

DO SENSO COMUM À CIÊNCIA: PARA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UMA TRANSIÇÃO DIFÍCIL DE SER COMPLETAMENTE COMPREENDIDA

Rômulo José Dantas Medeiros

Resumo

Diante do grande debate já realizado referente às questões epistemológicas da educação física (EF), foi proposto no presente artigo uma diferente forma de análise: refletir e compreender o ponto de vista de um recém formado educador físico acerca da temática “do senso comum a ciência: uma transição possível à EF”. Tal ponto de vista foi desenvolvido textualmente como um “instrumento” de preparação para o processo de seleção do primeiro programa de mestrado em educação física da região norte/nordeste. Posterior a reflexão realizada, conclui-se que a referida transição incita preocupações associadas à valorização do profissional de EF. Essa valorização, por sua vez, precisa ser buscada pelo educador físico, estando esse, necessariamente, consciente de que sua intervenção não pode apresentar um caráter de cientismo, nem de credulidade.

Palavras-Chaves:

Epistemologia; Valorização profissional; Senso comum; Ciência

COMMON SENSE TO SCIENTIFIC KNOWLEDGE: FOR THE PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL, A DIFFICULT TRANSITION OF COMPLETELY BEING UNDERSTOOD

Rômulo José Dantas Medeiros

Abstract

Ahead the extensive debate already realized relative to physical education epistemologies questions, was proposed in this paper an unusual analysis way: to reflect and comprehend view point of a recent graduate physical educator relating to “sense common to scientific knowledge: a possible transition to physical education”. The respective point view was development in text form as a preparation “instrument” to selection process of the first mastership program in physical education of north/northeast region. After realized reflection, to conclude that the mentioned transition incite care related to professional valorization question. This valuation, in turn, needs to be searched by the physical educator, being this, necessarily, conscientious of that its intervention cannot to present a naïve credulity our simple scientific character.

Key-Words:

Epistemology; Professional valorization; Common sense; Science

Introdução

A Educação Física (EF) se tornou sinônimo de uma crise que está associada a discussões epistemológicas que visam uma incessante busca por identidade. Pode-se afirmar que essa busca tomou corpo a partir das declarações de Henry (1964) em seu famoso artigo que questionava a existência da EF nas universidades, levantando o fato da mesma não se caracterizar ou se constituir como uma disciplina científica autônoma. Nesse sentido, Sérgio (1988, p.12) ressalta que “o discurso da EF é, desde a década de 60, declaradamente de crise”. Medina (1983), por sua vez, na década de 80, pronuncia publicamente a crise da EF no cenário brasileiro.

Essa crise, tantas vezes mencionada, promoveu o levantamento de inúmeras discussões que, conseqüentemente, suscitaram o surgimento de produções que foram realizadas com o intuito de responder a enigmática questão *o que é Educação Física?* (GAYA, 1994; TAFFAREL; ESCOBAR, 1994; BRACHT, 1995; LOVISOLO, 1995; PALAFOX, 1996). Diante da necessidade de responder a mencionada questão, diversos autores explicitaram as suas opiniões e, inevitavelmente, suas críticas referentes ao ponto de vista dos seus pares.

Posteriormente, com um caráter de simplificação e ao mesmo tempo de esclarecimento, Betti (1996, 2005) classificou os discursos sobre a teoria da EF em dois grandes grupos: a matriz científica, que concebe a EF como área de conhecimento científico, tendo como principais representantes Sérgio (1987) e Tani (1996), e a matriz pedagógica, que a concebe como uma prática pedagógica e social de intervenção.

Neste segundo parâmetro de compreensão da EF, destacam-se Bracht (1999) e Lovisolo (1996), que depois de aprofundadas e muito bem fundamentadas argumentações, possibilitaram o surgimento de um certo tom de superioridade, quando compara-se suas respectivas reflexões ao anunciados propostos pelos autores da outra linha de pensamento. Nesse contexto, Betti (2005) afirma que “após a longa argumentação de Bracht (1999) e Lovisolo (1996), torna-se difícil sustentar a proposição da Educação Física como uma disciplina científica, aos moldes de uma Cinesiologia (TANI, 1996) ou de uma Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1987)”.

Com base nas informações supracitadas, e diante da clara consciência de que inúmeras discussões e debates já foram realizados por respeitadores estudiosos da EF, não pretende-se aqui tomar partido sobre

uma ou outra matriz epistemológica, ou até mesmo, por um ato de autocritica que dita uma certa incapacidade acadêmica de argumentação, abordar ou discutir, de maneira aprofundada, as relações que EF exerce com a ciência, pedagogia, cultura, etc. Objetiva-se, sim, propor uma diferente forma de reflexão acerca dessa temática, que pode ser realizada por meio da análise do possível impacto que as discussões epistemológicas referente a EF pode causar na opinião de indivíduos, não acadêmicos, profissionais de educação física recém graduados na área.

Para tal fim metodológico de análise, no presente artigo, serão expostas e refletidas partes de um texto não publicado realizado pela minha pessoa, no qual foi desenvolvido com o intuito de ser utilizado como um instrumento de preparação para a resposta um dos temas discursivos abordados na prova teórica do processo de seleção do primeiro mestrado em EF da região Nordeste e Centro-Oeste. O objetivo de se destacar as referidas partes textuais, é tentar elucidar que o tema em questão - Do senso comum a ciência: uma transição possível a Educação Física – é capaz de incitar interesses e conseqüentes análises, até, daqueles indivíduos (eu) que no presente momento, se consideravam “peças” alheias situadas fora do contexto da discussão.

À textualmente fragmentada resposta: uma breve reflexão

São destacadas abaixo, as referidas partes textuais mencionadas:

No âmbito da educação física, verifica-se que a mesma tem vivido uma ampla discussão de sua identidade enquanto atividade humana e científica, estando essa discussão relacionada ao que autores como Sérgio (1987), Kokubun (1995) e Pereira (1997) evidenciam, que é a ausência de uma delimitação clara de sua natureza, bem como, de um objeto e de uma metodologia própria de estudo que não sofra interferência de outras áreas de conhecimento, como da medicina, psicologia, nutrição, entre outras [...], por outro lado, encontram-se autores como Bracht (1999) e Lovisolo (1996), que questionam a necessidade da educação física ser classificada como disciplina científica, afirmando que a mesma se caracteriza como área de conhecimento e intervenção pedagógica que tem como o objeto de estudo, a cultura corporal do movimento humano (MEDEIROS, texto não publicado).

Elucidar essa “crise de identidade” é essencial para que se possa compreender a possível transição da educação física do senso comum à ciência. Referindo-se à relação educação física e senso comum, pode-se enfatizar que o conhecimento atribuído a este não está vinculado exclusivamente às pessoas ditas “leigas”, mas também aos próprios profissionais da área, que se utilizam prioritariamente de conhecimentos provenientes do saber prático (saber fazer), meramente técnico, e não buscam fundamentação teórico-científica para os seus atos como profissional (MEDEIROS, texto não publicado).

Uma breve reflexão pode ser realizada a respeito do que foi proferido nos supracitados textos em questão. Diante do que está explícito nos respectivos, claramente se percebe a dicotomia existente na área da EF: de um lado a concepção científica; do outro a matriz pedagógica. Concomitantemente, percebe-se, também, de uma maneira bastante fácil, que as discussões epistemológicas, para um recente educador físico, adquirem um significado de busca por valorização profissional.

Nesse sentido, as afirmações de Bracht (1999), que atribuem a EF a uma não-ciência, podem incitar o surgimento de questões que, inocentemente, podem ser formuladas da seguinte forma: *como eu, educador físico, posso ser valorizado se minha área de formação não é considerada uma ciência? Como poderei atuar como profissional e, conseqüentemente, obter respaldo na sociedade, se minhas ações não são formuladas sobre uma base científica? Será que minha intervenção só é fundamentada nos conhecimentos do senso comum?*

No que concerne às referidas questões, pode-se encontrar respostas para as mesmas nos enunciados do próprio Bracht (1999), quando o respectivo afirma que a EF ao se caracterizar como uma prática pedagógica, e não como uma disciplina científica (e, inevitavelmente, ciência), não necessita se obrigar a abnegar o conhecimento científico. Pelo contrário, a mesma, como prática pedagógica e, conseqüentemente, social, exige um suporte teórico que não pode prescindir do saber científico para fundamentar as decisões com as quais está constantemente confrontada. Assim, compreende-se que o autor é favorável ao conhecimento científico, no entanto, discorda da suposição de que a EF somente alcança legitimidade ao afirmar-se como ciência.

Referente à pergunta *Será que minha intervenção só é fundamentada nos conhecimentos do senso comum?*, pode-se ressaltar, ao se analisar a questão em destaque, que existe uma equivocada compreensão que acaba por desmerecer as demais formas de conhecimento em detrimento do conhecimento científico. Essa equivocada compreensão é reafirmada pela seguinte citação:

Frente à necessidade de analisar a transição do conhecimento da educação física advindo do senso comum para o científico, pode-se considerar que tal transição é possível, pois percebe-se que os profissionais e acadêmicos da área estão, constantemente, objetivando adquirir conhecimentos (científicos) que não se caracterizem como superficiais e persuasivos (senso comum) (SANTOS, 2002) (MEDEIROS, texto não publicado)

Em contraposição a mencionada pergunta e do conteúdo da posterior citação, que adjetiva os conhecimentos do senso comum como superficiais e persuasivos, destaca-se os pensamentos do filósofo Paul Feyerabend, que na sua obra *Contra o Método* (1989), questiona as concepções de pensamento que elevam o conhecimento científico a categoria de “o único saber que merece ser considerado em detrimento dos demais, quais sejam, do senso comum, do saber religioso...”. Bracht (1999), acompanhando o caráter questionador de Feyerabend, também não “descredencia” os conhecimentos do senso comum atribuídos a uma prerrogativa intuitiva e, por que não, sentimental.

Abrindo um parêntese à respectiva discussão, a valorização profissional é um tema sempre presente nas discussões firmadas entre profissionais da EF. Freire et al. (2002), fundamentado em estudos da Sociologia das Profissões (KROLL, 1982; MORFORD, 1972), ressalta que a EF ainda não pode ser considerada uma profissão prestigiada na sociedade. Dentre os diversos argumentos levantados para tal afirmação, o autor destaca a subjugação da EF às outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a medicina e seu respectivo ato médico¹

Fechando o parêntese e promovendo uma síntese do que já foi refletido no presente texto, torna-se conveniente perceber que a EF não necessita deixar de usufruir dos conseqüentes benefícios que o conhecimento científico proporciona. E, por outro lado, também não precisa abnegar o conhecimento dito não-científico. Percebe-se que a busca por um meio termo necessita ser estabelecida. Assim, pretensiosamente utilizando uma analogia às proposições de Saviani (1995)², é possível discernir que o educador físico, ao incorporar um atitude educativa e conseqüentemente uma ação pedagógica, deve fundamentar a sua intervenção na formulação de um ensino formalizado e sistematizado que seja capaz de transmitir um saber elaborado (conhecimento), seja esse, baseado na ciência ou não.

Considerações Finais

Conforme o que já foi exposto, torna-se redundante novamente abordar a temática “a crise da EF” que emergi através das discussões epistemológicas levantadas pelos representantes da área. No entanto, é cabível para o presente momento, a utilização do ditado popular “*não há um mal que não traga um*

¹ O ato médico é um projeto de Lei (7.703/06) que objetiva convergir para a classe médica, atribuições que abrangem desde do diagnóstico de doenças à prescrição de exercícios de reabilitação e de treinamento físico. Tal ato tem sido considerado por outras “áreas da saúde” (Ex.: fisioterapia, educação física, enfermagem, etc.) como abusivo, autoritário e “criador de conflitos”.

² Dermeval Saviani, influente filósofo da educação brasileira, em sua obra *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações* (1995), evidencia que ato docente necessita ser fundamentado na formulação de um sistema ensino sistematizado que seja capaz de promover o aprendizado de um saber (conhecimento) elaborado.

bem”. Ou seja, pode-se encontrar benefícios à EF proporcionados pela eventual crise. Esses benefícios podem ser traduzidos através dos seguintes pensamentos de Feyerabend (1989): “a pluralidade de opiniões evolui a humanidade (...). A unanimidade de opinião pode ser adequada para uma igreja, para as vítimas temerosas ou ambiciosas de algum mito (antigo ou moderno) ou para os fracos e conformados seguidores de algum tirano. A variedade de opiniões é necessária para o desenvolvimento do conhecimento...” (p.57).

Utilizando-se desses preceitos, pode-se reconhecer que a EF, compreendida como área de conhecimento humano, ao buscar uma identidade epistemológica por meio de aprofundadas discussões, proporciona ao seu representante, o profissional de educação física, a possibilidade de incorporar uma postura mais crítica e reflexiva, que o possibilita alcançar a conseqüente conclusão: a intervenção profissional, seja ela efetivada na academia, escola ou em um laboratório de pesquisa situado dentro de uma universidade, não deve apresentar um caráter de cientismo³, como também, não deve expor um caráter de credulidade⁴

Dessa forma, a seguinte compreensão fica estabelecida: para que o caminho correto seja percorrido, o ato de “ser educador físico”, necessariamente, precisa ser norteado e fundamentado por um sentido de reflexão, crítica e ponderação.

Referências

BETTI, M. Por uma teoria e prática. *Motus Corporis*. v. 3, n. 2, 1996.

_____. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista Paulista de Educação Física*, v.19, n. 3, p. 183-97, 2005.

BRACHT, V. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “o que é Educação Física?”. *Movimento*. v. 2, n. 2, 1995.

BRACHT, V. *Educação física e ciência: cena de uma casamento (in) feliz*. 2. ed. Ijuí. Ed. Unijuí, 2003.

³ O cientismo é uma concepção deformada da ciência que objetiva alcançar o poder de conseguir resolver todos os problemas inerentes ao mundo (SOBRAL, 1995).

⁴ Entende-se a credulidade como uma tendência para aceitar sem reflexão as asserções que convêm a um determinado estado subjetivo baseado em sentimentos, aspirações, propensões, desejos, etc (SOBRAL, 1995).

- COTRIM, G. Fundamentos da filosofia: *história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- FREIRE, E. S. ; VERENGUER, R. C.; G.; REIS, M. C. C. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. *Revista Mackenzie de Educação Física*. v.1, n.1, p: 39-46, 2002.
- FREIRE-MAIA, N. A ciência por dentro. 5. ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1998.
- GAYA, A. Mas afinal, o que é Educação Física? *Movimento*. v. 1, n. 1, 1994.
- KOKUBUN, E. Negação do caráter filosófico-científico da educação física: reflexões a partir da biologia do exercício. In: FERREIRA NETO, A.; GOELHER, S.; V. BRACHT, V. (Org.). *As Ciências do Esporte no Brasil*. Campinas,: Autores Associados, 1995.
- KROLL, W. P. *Graduate study and research in Physical Education*. Champaign: Human Kinetics, 1982.
- HENRY, F. M. Physical education: na academic discipline. *Journal Of health, Physical Education and Recreation*, v. 35, p. 32-38, 1964.
- LOVISOLO, H. R. Mas, afinal, o que é Educação Física?: a favor da mediação contra os radicalismos. *Movimento*, v. 2, n. 2, 1995.
- _____. H. R. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. *Motus Corporis*, v. 3, n. 2, p. 51-72, 1996.
- MORFORD, W. R. Toward a profession, not a craft. *Quest Monograph* v. 18, spring issue, p. 8-93, 1972.
- MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo... e "mente"*. Campinas: Papyrus, 1983.
- PALAFIX, G. H. M. O que é Educação Física? uma abordagem curricular. *Movimento*, v. 3, n.4, 1996.
- PEREIRA, B. As limitações do método científico: implicações para a educação física. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo v. 12, n. 2, p: 228-48, 1998.
- SANTOS. Um discurso sobre as ciências. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: *primeiras aproximações*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1995
- SÉRGIO, M. Algumas teses sobre a ciência da motricidade humana. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 8, n. 2/3, p. 152-154, 1987.
- SÉRGIO, M. Motricidade humana: uma autonomia disciplina. *Revista Motricidade Humana*, Lisboa: p. 5-26, 1988.
- SOBRAL, F. Cientismo e credulidade ou a patologia do saber em ciência do desporto. *Movimento*, v. 2, n. 3, 1995.
- TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. Mas, afinal, o que é Educação Física? : um exemplo do simplismo intelectual. *Movimento*, v. 1, n. 1, 1994.

Rômulo José Dantas Medeiros
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Endereço: Avenida Presidente Café Filho, 509, Bairro – Bessa.
Cidade/Estado: João Pessoa – Paraíba
Telefone: (83) 3245-1679 / 8831-3744
E-mail: romuloaquazul@yahoo.com.br

Recebido em: 01/07/08

Aceito em 30/07/08